

CLIMATOLOGIA DA ESTRUTURA TERMAL DO OCEANO ATLÂNTICO SUDOESTE A PARTIR DE DADOS OBSERVACIONAIS DE XBTS

Mariana Crauss (UFSM, Bolsista PIBIC/CNPq)

Ronald Buss de Souza (PAN/INPE, Orientador)

mahcrauss@gmail.com

ronald@dsr.inpe.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo comparar os perfis de XBT da Corrente do Brasil (CB), da Corrente das Malvinas (CM) e da área de confluência entre elas (CBM), mostrando a profundidade da termoclina, suas temperaturas superficiais e também a influência que uma corrente pode causar na outra. Na região da CBM (localizada no Atlântico sudoeste), a CB (águas quentes e salinas) encontra a CM (águas frias e menos salinas) causando instabilidades que resultam em grande atividade de mesoescala. Os dados são do PROANTAR (Programa Antártico Brasileiro), de 2001 a 2007 (Operações Antárticas XX a XXVI, respectivamente) que, ao longo do percurso entre Rio grande (Brasil) e a Antártica, lança sondas do tipo XBT (*Expendable Bathy-Thermographs*) a bordo do Navio de Apoio Oceanográfico (NApOc) Ary Rongel, nos meses de outubro e novembro. Os dados de XBT oferecem a temperatura da água do mar com respeito à profundidade até 760 metros. Comparando os perfis analisados, observamos que as temperaturas superficiais da CB estão entre 15°C e 20°C com uma termoclina imediatamente abaixo da superfície, e estende-se até aproximadamente 300 metros de profundidade. Abaixo disto, encontram-se as águas mais frias de origem antártica, com temperaturas em torno de 4°C, até 760 metros. Já nas áreas de domínio da CB, as temperaturas superficiais variam entre 5°C e 10°C, com uma termoclina sazonal que chega a cerca de 50 metros de profundidade, e, abaixo desta, coloca-se a termoclina permanente, atingindo profundidades de cerca de 100 metros. Também é possível observar, a partir de perfis em que as duas correntes se encontram, que a CB, por ser mais quente empurra a camada de mistura para baixo até cerca de 200 metros de profundidade. O trabalho está em desenvolvimento e para o futuro pretende-se fazer uma análise ainda mais detalhada desta região, com dados desde 1966. Pretende-se separar a região de 1° em 1°, englobando a área da Confluência Brasil-Malvinas.